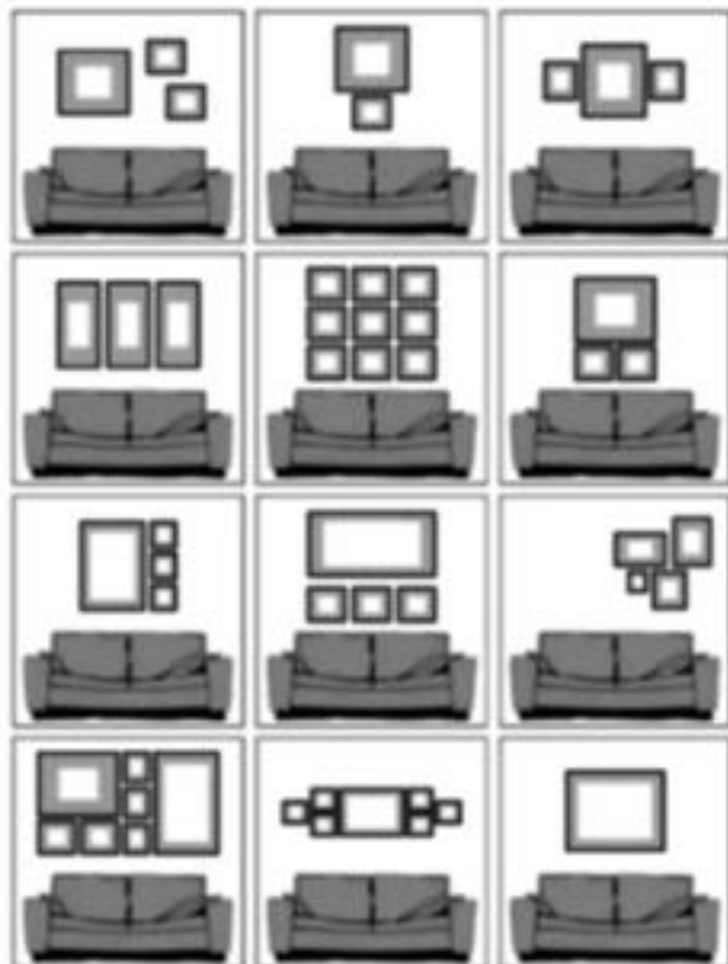




Encimar Sofás *-Versus-* Projetos Expositivos.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.3, No.19, outubro, 2022 – Encimar Sofás – *versus*- Projetos Expositivos.

Campo Grande - MS

Periodicidade: quinzenal

Capa: Gráfico de orientação decorativa,
<https://br.pinterest.com/pin/407012885076883667/>

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

A crença popular parece entender que quadros são para encimar sofás. Encimar significa colocar alguma coisa acima de algo. É bom dizer que não é só para isto que eles servem. São chamadas de “quadros” as obras realizadas, em geral, em superfícies bidimensionais de tecido, papel, madeira ou outros suportes capazes de reter pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, estampas emolduradas e outras manifestações que não atingem o estado de três dimensões no espaço como, por exemplo, as esculturas, intervenções e instalações ambientais. Portanto “Quadros” são os objetos preferenciais para a decoração de ambientes.

Quando a “Pintura de Cavalete” surgiu no Renascimento, abriu um novo segmento artístico. Antes dela as pinturas eram realizadas diretamente sobre a superfície das paredes, fossem em afresco, têmpera ou encáustica. O problema era que, depois de realizadas, não podiam mais sair dali, portanto as obras estavam definitivamente incorporadas ao ambiente. A Pintura de Cavalete possibilitou a realização de obras em suportes móveis, isto facilitou a execução, o transporte ou “portabilidade” e também o comércio delas, inclusive o surgimento e desenvolvimento do Colecionismo e do mercado de Arte Visual.

Colecionar “Pinturas de Cavalete” passou a ser uma tendência dos poderosos, inclusive destinando espaços específicos para exposição das obras e sua guarda. Mais tarde surgiram as Galerias e Museus para abrigá-las e expô-las. Muitas instituições de conservação e mostra, privadas e públicas, foram organizadas a partir das grandes coleções particulares criadas desde o Renascimento. Obviamente as coleções incluem outras obras como esculturas, antiguidades e curiosidades, mas os “quadros” sempre tiveram a preferência dos colecionadores e decoradores por conta de sua praticidade e mobilidade.

Deste modo entraram para a história, para as coleções e para a decoração.

É na decoração, no design de interiores ou arquitetura de interiores que os quadros passaram a ser empregados como um recurso prático para organização visual de ambientes e ao mesmo tempo emprestar valor tanto ao lugar quanto em relação a quem os possui ou decora, criando o efeito de “qualidade” ao ambiente e de “cultura”, distinção e de “bom gosto” para quem os possui. Assim, decorar ou ornamentar com quadros, passou a ser uma estratégia recorrente para integrar ou valorizar ambientes.

Isto levou à tentativa de estabelecer “regras”, “fórmulas” e “critérios” para ocupar espaços em prol da informação, organização e do “gosto”. Gêneros pictóricos como Paisagens, Natureza Morta, Retratos entre outros recursos serviram para demonstrar tanto o poder quanto o prazer deste poder. Naturezas Mortas para ornamentar ambientes de refeição; retratos para ornamentar corredores e salas; paisagens e cenas pastoris para as salas e imagens picantes para aposentos e lavatórios se tornaram recursos comuns nas grandes mansões e palácios. Sem falar nas cenas bíblicas das igrejas ou históricas e alegóricas dos ambientes públicos.

Criar sentido, significar, informar eram recursos recorrentes para estabelecer relações entre o ambiente e quem o frequentava. Para a monarquia um deleite sobre seu gosto e interesses; para os religiosos uma comprovação de suas crenças; para os poderosos uma confirmação de seu poder. Mas será só isto? Obviamente não! O tema: *Encimar sofás versus Projeto Expositivo*, aborda a relação entre ornamentação e apreciação, prática e profissionalização. Obras de Arte são elaboradas para informar, propor e dialogar, mesmo quando adotadas como ornamentação ainda assim cumprem funções estéticas e conceituais.

A figura usada na capa desta edição mostra um “esquema” prático decorativo para organizar quadros numa parede acima de um sofá, nada mais estimulante do que isto, não?... Nada disto! Esta edição não é sobre “como dispor um conjunto de quadros acima de um sofá?”

Até aqui, já abordei questões que extrapolam a ideia de “encimamento”, falei do surgimento da “pintura de cavalete”; da questão da bidimensionalidade em contraponto à tridimensionalidade. Falei do colecionismo que possibilitou o acúmulo de muitas Obras de Arte e de sistemas expositivos.

Falei do gosto e das preferências sobre gêneros artísticos e ambientes, enfim, como disse, as Obras de Arte faziam parte dos modos de consolidação do poder e da importância dos espaços onde ele era exercido e consolidado. Até aqui já toquei em várias questões relativas ao contexto da Arte Visual. Então, qual é o assunto?

Bem, para dar continuidade ao conteúdo escolhido, vou falar agora a respeito de *Projetos Expositivos*. Um Projeto Expositivo é o nome dado ao processo de escolha, disposição e mostra de Obras de Arte Visual, em geral, em ambientes públicos ou comerciais.

Um Projeto Expositivo não é tão simples como “encimar sofás”, depende de muita informação sobre Arte e contexto cultural desde os primeiros estágios de escolha e contato com obras ou artistas, acervos, público, condições ambientais, registros, catálogos, divulgação, logística de acesso, percurso de leitura e outras tantas coisas e providências que só “Especialistas” dão conta de tudo isto, mas que tipo de *Especialistas*? Em geral são profissionais com bastante conhecimento no campo da Arte Visual, não só do contexto teórico mas também das tendências estéticas, do mercado e difusão cultural.

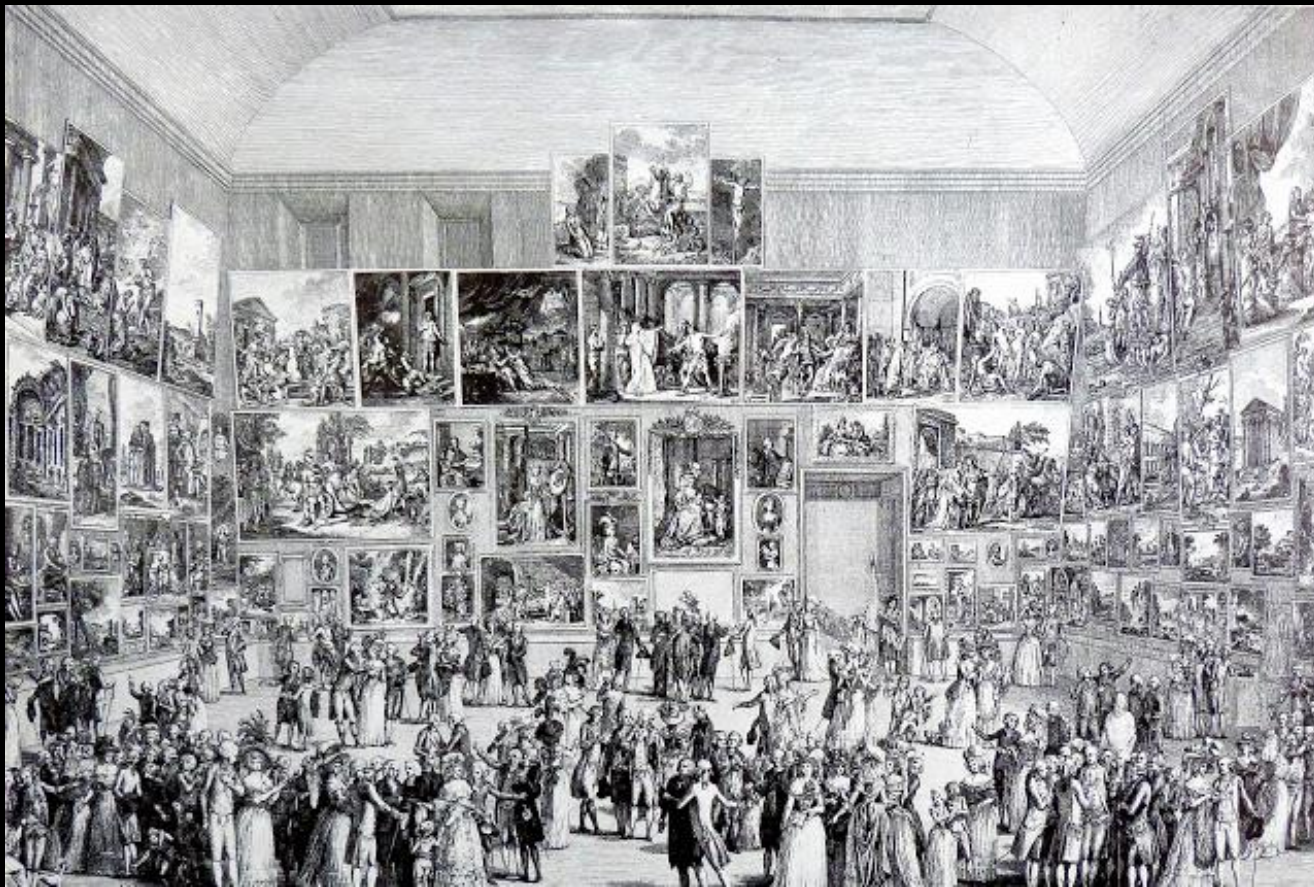
Normalmente nas galerias privadas esta função é exercida pelo proprietário ou gerente, já que tais espaços visam o mercado e o lucro. Nas instituições de promoção cultural que possuem acervos e dependem da guarda, conservação e exposição, sejam privadas ou públicas, esta função é exercida por um dirigente ou titular do espaço que atua como gestor ou delega tarefas a curadores e equipes especializadas ou terceirizadas para atender aos diferentes estágios das mostras como os exemplos citados anteriormente. Em síntese, é também um trabalho de equipe.

Vários museus, galerias e instituições culturais no mundo todo realizam regularmente mostras, eventos e feiras com Projetos Expositivos excelentes e tais projetos não se realizam com amadorismo nem com “esquemas” prontos, mas sim com alto grau de profissionalismo e competência. Desde as primeiras exposições que começaram formalmente, por volta do Renascimento com a Galeria Degli Uffizi, criada por Cosimo I di Medici em Florença, a situação mudou muito. Aquela galeria foi construída para reunir os escritórios administrativos da cidade que, mais tarde, passou a abrigar também a coleção de Arte da família Medici.

Vários outros governantes, religiosos, banqueiros e comerciantes passaram a colecionar Obras de Arte e, conseqüentemente, estimularam o surgimento de profissionais para administrar tais coleções fosse por questões de registro, guarda, conservação e mostra. Pode-se dizer que assim surgiram também os Museus. A palavra Museu tem origem nas *Musas* da mitologia grega, deusas inspiradoras da Ciência e da Arte. Portanto os locais de realização de mostras ou exposições de Arte passaram a existir e assim surgiram também os especialistas.

Outro estímulo para o surgimento de tal especialização foi a criação das Academias de Arte no Alto Renascimento Italiano, isto possibilitou tanto a formação de artistas dentro de cânones clássicos em busca de uma hegemonia estética pontuada pelo gosto dominante dos patronos das Academias, como também o surgimento de pessoas dedicadas a gerir a produção artística e sua conservação e difusão. A partir do século XVI a produção e o consumo de Obras de Arte se expandiu em larga escala chegando a outros países europeus traçando um caminho que culmina com o surgimento das Belas Artes em Paris.

A partir daí o gosto clássico acadêmico passa a influenciar os modos de fazer e pensar Arte Visual desde então. O resultado direto do surgimento das Academias de Belas Artes em Paris, foram os *Salões de Paris*. Este foi o primeiro evento formal e regular voltado para a Arte Visual o que implica também no surgimento dos primeiros Projetos Expositivos. Os Salões franceses surgiram em 1667, destinado a mostrar as obras dos artistas membros da *Real Academia de Pintura e Escultura de Paris*. O nome Salão se consagrou porque as mostras eram realizadas no *Salon d'Apollon*, no Museu do Louvre. Os Salões franceses duraram até fins do séc. XIX.



Sem dúvida alguma os “Salons” ou Salões franceses ditaram o “modelo” das mostras que passaram a ser realizadas desde então. Há de se convir que não eram mostras altamente organizadas em termos de apreciação e leitura, mas quase um “amontoad” de obras, basta observar a gravura sobre o Salão de 1737. Um evento social destinado, quase que exclusivamente, à apresentação dos artistas da Real Academia Francesa à elite parisiense.

Inicialmente os “Salons” admitiam todos os artistas da Real Academia Francesa, mas a partir de 1748, adotou o sistema de seleção e premiação por júri que, ainda hoje, caracterizam vários salões. Há de se convir que um Salão é um bom “negócio” institucional ou privado: basta divulgar um bom prêmio, em geral aquisitivo, que vários artistas, iniciantes ou não, se dispõem ao risco de enviar suas obras, sob suas expensas, na esperança de ser escolhido pelo júri para participar e ainda (talvez) receber um prêmio por sua obra, tornando-a parte de um acervo ou simplesmente ter sua inserção no *Circuito* e no *Sistema de Arte*.

Bem, aqui apareceram duas palavras novas: *Circuito* e *Sistema*. Embora Circuito de Arte e Sistema de Arte pareçam ser a mesma coisa, são diferentes. O Circuito de Arte significa a presença de um artista ou de Obras de Arte num cenário social, em geral, comercial embora tenha repercussões também no cenário cultural. É uma instância componente do Sistema de Arte como um todo. Assim o Sistema de Arte inclui todos os meios, instituições, artistas, pesquisadores, estudiosos, mercado etc. e o Circuito é uma das partes integrantes dele e se refere a como obras e artistas “circulam” ou “atuam” nele.

Portanto, voltando aos Salões, não significa que a participação e/ou premiação num deles, embora coloquem artistas e obras no Sistema de Arte, não implica que permaneçam ou sejam reconhecidos pelo Circuito de Arte. Muitas participações em Salões, mesmo com premiações substanciais, não garantiram a presença, tampouco a consagração de artistas no mercado ou na cultura. O reconhecimento pontual de um salão ou mostra, não garante a notoriedade definitiva. A inserção e permanência no Circuito é que pode resultar no reconhecimento e presença no Sistema.

Os próprios Salões ou seus organizadores também chegaram a conclusões semelhantes e passaram a alterar o “Modelo” original. Muitos passaram a trabalhar com “subvenções” a projetos de artistas como modo de retirar a ideia insólita de competição. Uma competição parece dizer que há manifestações artísticas que podem ser consideradas boas e outras más, portanto, as premiadas sugerem ter qualidades artísticas ou estéticas e as não premiadas sugerem não as ter ou não serem suficientes para receberem a chancela de um grupo de pessoas, qualificadas ou não, que assim as julgam.

As subvenções são alternativas interessantes na medida que são avaliados os projetos artísticos e não as obras finalizadas. Com isto, a disputa não se dá pela aparência das obras mas sim pela aderência ao Edital proposto. Um Edital é um Édito, ou seja, uma publicação institucional pública ou privada que se destina a noticiar ao público interessado as condições para participação em um evento, no caso da Arte Visual, é uma publicação destinada à divulgação de Salões, Mostras, Eventos, etc. para os quais, quem se interessar, deverá seguir certas normas e orientações para participar.

Outro processo de “*dessalonização*” que ocorreu com o passar do tempo foi a criação de eventos curatoriais. Opa! Mais uma palavra nova: *Curatorial*. Curador é uma figura do Direito que garante a alguém ou instituição a responsabilidade de gerir bens alheios, um substituto legal de pessoas ou patrimônios que, por si só, não seriam capazes de autogestão. Passou a ser usado no contexto da Arte Visual ou Cultural, para identificar pessoa ou pessoas dedicadas a conceber e/ou organizar eventos nestas áreas. Hoje em dia é uma opção profissional, inclusive com cursos especializados em várias instituições públicas ou privadas.

As grande Bienais, por exemplo, como as de Veneza, São Paulo, Kassel, entre outros grandes eventos deixaram de ser competitivas e se tornaram “*Propositivas*”, ou seja, passaram a atuar em “*Modo Curatorial*”. Estabelecem projetos, propostas e proposições, por meio delas, buscam artistas que se enquadram nelas e os convidam a participar (com apoio, subvenção financeira própria ou não). Há casos em que se convidam países para serem representados nestes eventos, semi diplomáticos, que escolhem e subvencionam seus representantes. Uma espécie de “embaixadores artísticos”.

Várias fórmulas e modelos surgem para manter em funcionamento o Sistema e o Circuito de Arte na atualidade. Já falei sobre isto em outra publicação: V1, N6, nov. 2020. Nela explicito o surgimento das *Art Fairs*, ou seja, das Feiras de Arte como um dos meios mais recentes do Mercado de Arte para promover, divulgar e vender alguma produção artística.

A maior diferença é que as Feiras tem fins exclusivamente comerciais já que são promovidas por instituições que reúnem Galerias de Arte privadas e visam a comercialização de obras de seus acervos ou de seus representados.

Uma das primeiras publicações destinadas ao desenvolvimento de Projetos Expositivos, no Modernismo, é a de Herbert Bayer, desenhista gráfico e professor da Bauhaus, com a publicação, em 1939-40, do livro: “*Fundamentals of Exhibition Design*”, (*Fundamentos do Design de Exposição*). Texto explicativo e ilustrado por desenhos, diagramas e fotos no qual estabelece critérios de planejamento e organização espacial e visual para a realização de mostras. A edição usada aqui pertence à Biblioteca Pública de NY, as imagens não são tão legíveis, mas atendem ao propósito pedagógico aqui proposto.

fundamentals of exhibition design

by herbert bayer



1939: the formalistic and imitative nature of styles is best exemplified by this figurative tower construction of four levels. It is inconceivable today, how the purpose of this product could be so ignored. Instead, emphasis is placed on its characteristics as a decorative building material.

The text of the three articles by Herbert Bayer is not expensively in lower-case. For a detailed discussion of this question of lower-case typography, see the article "toward a new word type."

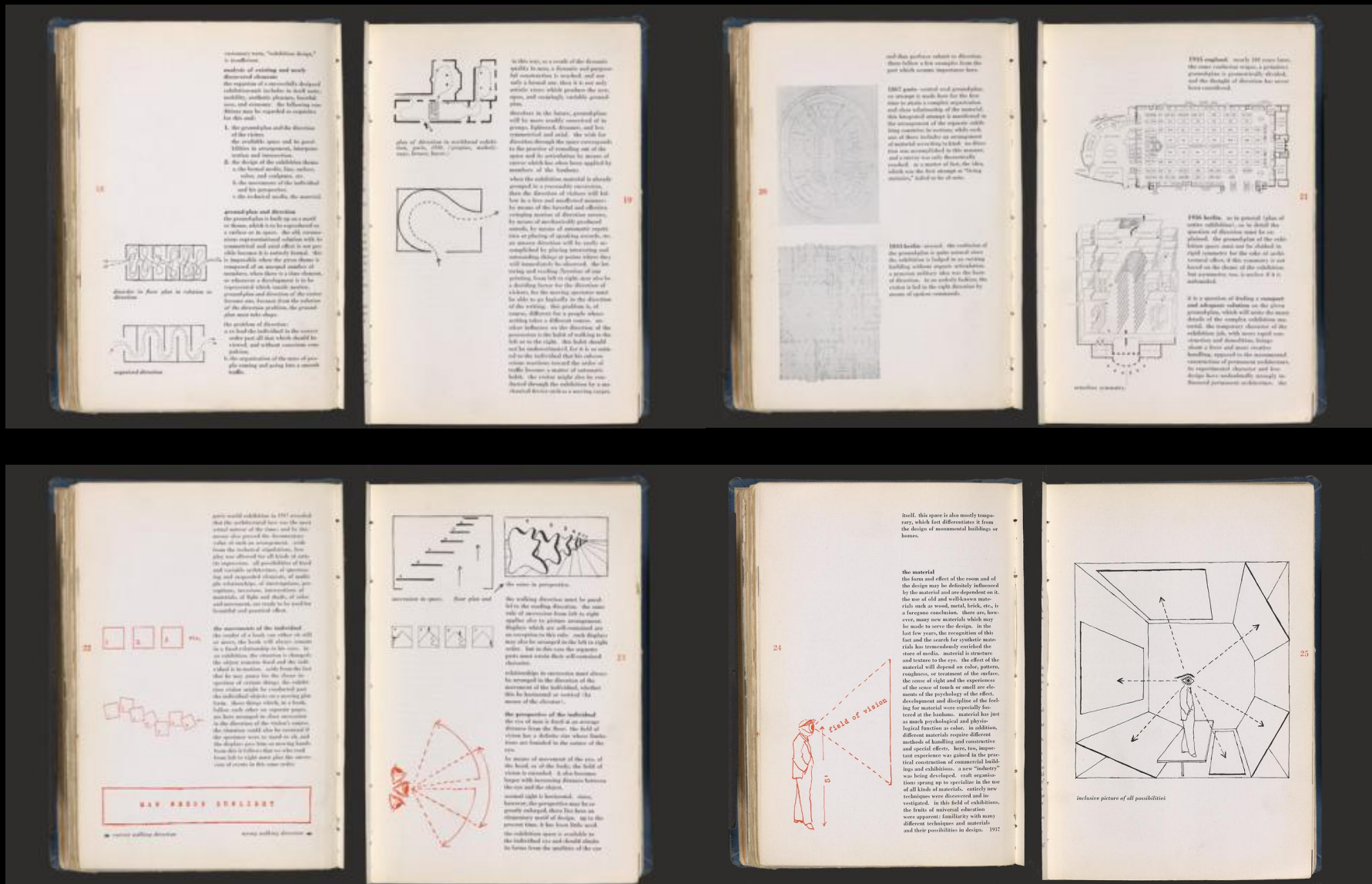
—THE EDITORS

In exhibition design, we have a new and complex means of communication of the idea, in which elements, such as painting, photography, etc., all only part of the field, the great possibilities of exhibition design rest on the universal application of all known means of design: diagram, lettering, the word, photographs, architecture, painting, sculpture, tone, light, film. It is the apex of all collective efforts, of all genres of design. All the elements called to the purpose of communicating the idea are included in it, such as enlightenment, advertising, education, etc.

the new point of view is not based only on utilization. the object to be represented should not simply be shown and exhibited in the old museum sense, the essence of the present-day concept follows: the theme must be clearly expressed, its special character, its purpose and value, its advantages and disadvantages; by means of comparison, survey, sequence, exhibition and representation. the theme should not retain its distance from the spectator, it should be brought close to him, penetrate and leave an impression on him, should explain, demonstrate, and even persuade and lead him to a planned and direct reaction. there has to say that exhibition design runs parallel with the psychology of advertising. and here lies an essential cause of the intensification of the exhibition. the new point of view also extends to design of house fronts, show-window decoration, signs, and the

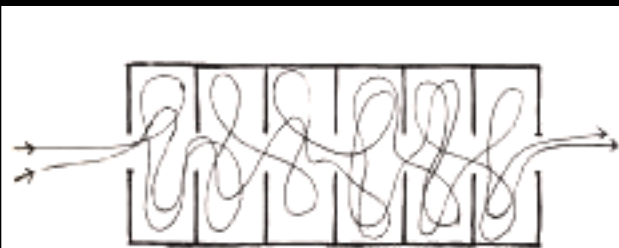
17

Pena que as imagens obtidas têm baixa resolução, mas dá para ter uma ideia da publicação.



Aqui algumas páginas disponíveis da publicação no site da Biblioteca da Bauhaus para informação.

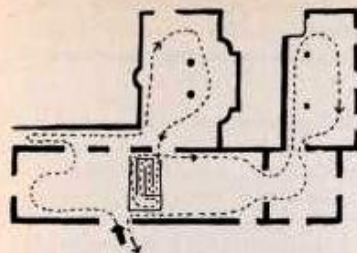
Nestes detalhes ampliados é possível verificar o cuidado de Bayer em definir espaço expositivo e fluxo de apreciadores, por meio de plantas-baixas. Sua ideia é explicar como este processo pode ser programado para uma visitação produtiva e informativa.



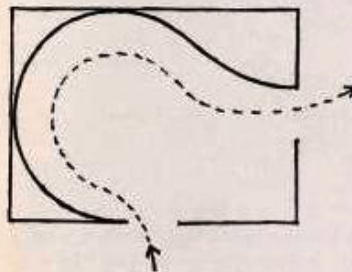
disorder in floor plan in relation to direction



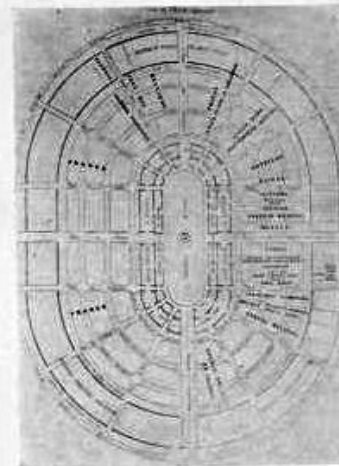
organized direction



plan of direction in werkbund exhibition, paris, 1930. (gropius, moholy-nagy, breuer, bayer.)

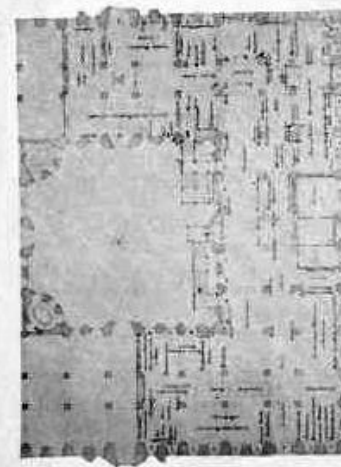


20

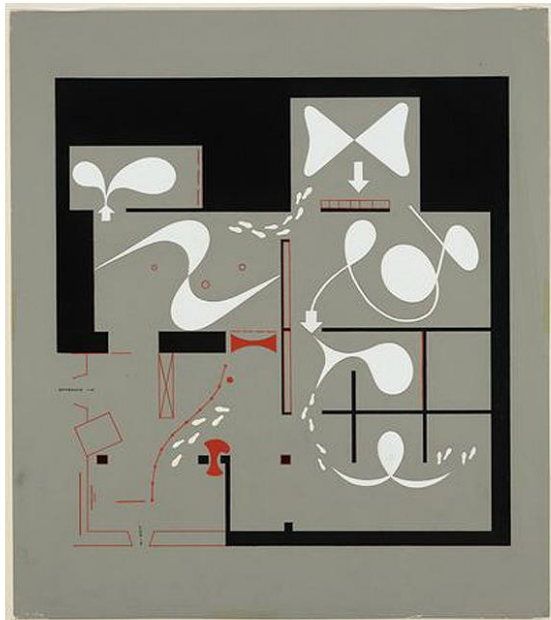


and thus perforce submit to direction. there follow a few examples from the past which assume importance here.

1867 paris—central oval ground-plan. an attempt is made here for the first time to attain a complex organisation and clear relationship of the material. this integrated attempt is manifested in the arrangement of the separate exhibiting countries in sections, while each one of these includes an arrangement of material according to kind. no direction was accomplished in this manner, and a survey was only theoretically reached. as a matter of fact, the idea, which was the first attempt at "living statistics," failed to be of note.



1844 berlin—arsenal. the confusion of the ground-plan is quite natural since the exhibition is lodged in an existing building without organic articulation. a prussian military idea was the basis of direction. in an orderly fashion, the visitor is led in the right direction by means of spoken commands.



Outro exemplo é o planejamento da Exposição da Bauhaus no MoMA, em NY, em 1938, onde a planta e uma foto da mostra revelam as preocupações expositivas iniciadas por Bayer.

Agora parece estar mais próxima uma das questões enunciadas, a dos *Projetos Expositivos*.

Até aqui foi possível verificar que a questão das mostras ou exposições de Arte Visual passaram por transformações substanciais, saindo de simples “apresentações”, para “proposições” complexas. Um evento de Arte Visual, hoje em dia, pode tanto se caracterizar como uma Mostra ou Exposição passiva quanto por um evento participativo, seja ele ambiental ou virtual. Assim os *Projetos Expositivos* implicam em definir *o que, como e para que público* se destinam.

Muito diferentes dos “amontoados” de obras que se via nos primeiros salões franceses, agora há eventos em que nem obras existem. Basta rever a publicação v.2 n. 11 mai. 2021: Obras de Arte Invisíveis.

Na maioria das vezes, um Projeto Expositivo, se refere a um evento físico e realizado num ambiente próprio e específico. O nome tradicional destes ambientes é Galeria, justamente pelo que já foi aqui explicado a partir do Renascimento. Uma Galeria pode ser institucional ou comercial. Normalmente é um lugar destinado às Exposições.

As Exposições ou Mostras são destinadas à visitação, apreciação, análises e estudos, mas no caso dos espaços comerciais, a principal finalidade é a comercialização das obras, seja para colecionadores, apreciadores, investidores e mesmo para instituições públicas ou privadas que se propõem a manter coleções e acervos para visitação pública de acesso aberto ou por meio de ingressos. Independente da finalidade do ambiente, seja comercial ou institucional, há que se considerar alguns aspectos relativos a eles: Apresentação, Armazenamento e Conservação.

Tais aspectos são relevantes pois Obras de Arte sempre estão relacionadas a Valores que podem ser Históricos, Est ticos, Culturais e Comerciais. *Apresentação* se refere a detalhes que devem priorizar desde o acesso ao local em que tais mostras são realizadas até a maneira com são mostradas isto se refere à *Expografia*, ou projeto *Expográfico*. O ambiente deve ser compatível com o tipo de obras sejam bidimensionais, tridimensionais, interventivas, instalações, performativas ou audiovisuais. Neste sentido são importantes a disposição, Iluminação, climatização, circulação, etc.

Além disso, para Apresentação devem constar aparelhos expositivos, como suportes e prismas, catálogos e indicadores informativos das obras, delimitação espacial para instalações ou apresentações interventivas ou performáticas e para projeções virtuais. Também são essenciais a segurança das obras e dos visitantes.

Armazenamento se refere a espaços necessários para guarda e manipulação das obras, seja uma reserva técnica e laboratório para tratamento e montagem de obras para serem expostas. Este local deve contar com mobiliário suficiente para acomodá-las e trata-las.

Os armazenamentos de Galerias comerciais são mais simples, no entanto, armazenamento de Museus e instituições de Arte Visual são mais completos e complexos. Normalmente são feitos seguro das obras para que danos ou perdas não afetem o aspecto econômico, contudo, podem ser perdidas por vários motivos: desastres naturais, incêndios ou roubos.

Conservação se refere aos cuidados necessários para a manutenção e preservação das obras já que nem todas, são novas e precisam ser mantidas íntegras. Dependem de espaço para armazenamento e tratamento técnico.

A principal questão, como se vê, é *Planejar*, ou seja, antecipar, prever e propor condições para que uma mostra ou exposição, transitória ou permanente, possa ser visitada e vista com as melhores condições possíveis, daí a importância do que chamei aqui de *Projeto Expositivo*, ou *Expográfico*.

Por mais simples que seja uma mostra, há necessidade de cuidados especiais para que o evento seja adequado tanto em relação a *o que* se mostra, *como* se mostra e para *quem* ou com que *fim* se mostra. Tudo isto é necessário prever para que o evento atinja o fim para o qual foi programado.

Qualquer que seja o evento não exige a necessidade de planejamento e organização já que deverá receber pessoas interessadas.

Estas pessoas esperam ter uma experiência, seja apreciativa ou comercial. O que está em jogo são as Obras de Arte, elas são as principais personagens dos eventos em Arte Visual.

Obviamente a importância de quem as realizou ou realiza não deve ser minimizada, mas o foco está na produção artística, nas manifestações colocadas à disposição do público para cumprir a função social que cabe à elas cumprirem da melhor maneira possível.

Expor algo, além de mostrar, é expandir os potenciais de informação decorrentes do que se quer expor ou mostrar. Neste sentido Projetos Expositivos são importantes para alcançar os objetivos delineados para cada tipo de mostra. Obviamente não estou dizendo nada de novo, apenas organizando a fala. Desde os primeiros momentos em que a humanidade decidiu mostrar algo, estabeleceu alguns critérios fossem de visibilidade, acessibilidade e efetividade, por isto há uma especialidade, a dos Museus por exemplo. Inclusive o campo da *Museologia* é mundialmente reconhecido e neles são desenvolvidos estudos específicos.

Museologia é a área do conhecimento que faz parte das Ciências Sociais e Aplicadas. Pode conter outras subáreas como a de Conservação e Restauro ou também a Museografia, mais geral ou Expografia, mais específica. Conservação e Restauro diz respeito a preservação do Acervo ao passo que Museografia e Expografia dizem respeito à configuração da mostra quanto ao espaço, mobiliário, suportes de visualização, iluminação, percurso, circulação e leitura, ou seja, a parte material ou física da exposição. Aqui a coisa se complica ou se especializa e entra em cena a Curadoria.

Bem, pode-se deduzir então que um Projeto Expositivo se refere a um tipo de Projeto Expográfico que pode não pertencer ou fazer parte de Museus, mas realizado em outros ambientes, que podem ou não ser especializados, cuja finalidade é dar a ver, tanto objetos e Obras de Arte convencionais ou não convencionais, quanto intervenções e ocupações como Instalações e Performances que ampliam o conceito de Exposição ou Mostra. Tudo isto depende de planejamento e estratégias para visita, apreciação e análise para produção de informação e conhecimento.

Um Projeto Expositivo, pode ser também de “formato reduzido”, ou seja, não ter a dimensão Museológica, contudo ainda é necessário estabelecer critérios e parâmetros para idealizá-lo e realizá-lo, tomando as devidas providências e cuidados. É importante evitar ao máximo o improvisado e se aproximar ao máximo da especialidade. O ideal é contar com profissionais deste campo, mas na ausência deles, é possível produzir boas mostras com o mínimo de erros, desde que parta de um bom planejamento, este texto quer chamar a atenção para projetos deste tipo.

Partindo da brincadeira do Encimar Sofás, o ato de colocar uma ou várias obras em uma parede também depende de planejamento. A simples função de aplicar um prego para suportar um quadro depende da escolha da área de visibilidade que se tem e no mínimo da delimitação das distâncias à esquerda e à direita, acima e abaixo para fixação do quadro de acordo com a posição e a iluminação do ambiente. Também requer habilidade de manusear um martelo para fincar o prego sem atingir os dedos; alinhar e fixar a obra sem que despenque. Portanto, há um mínimo de planejamento, por mais simples que seja a mostra.

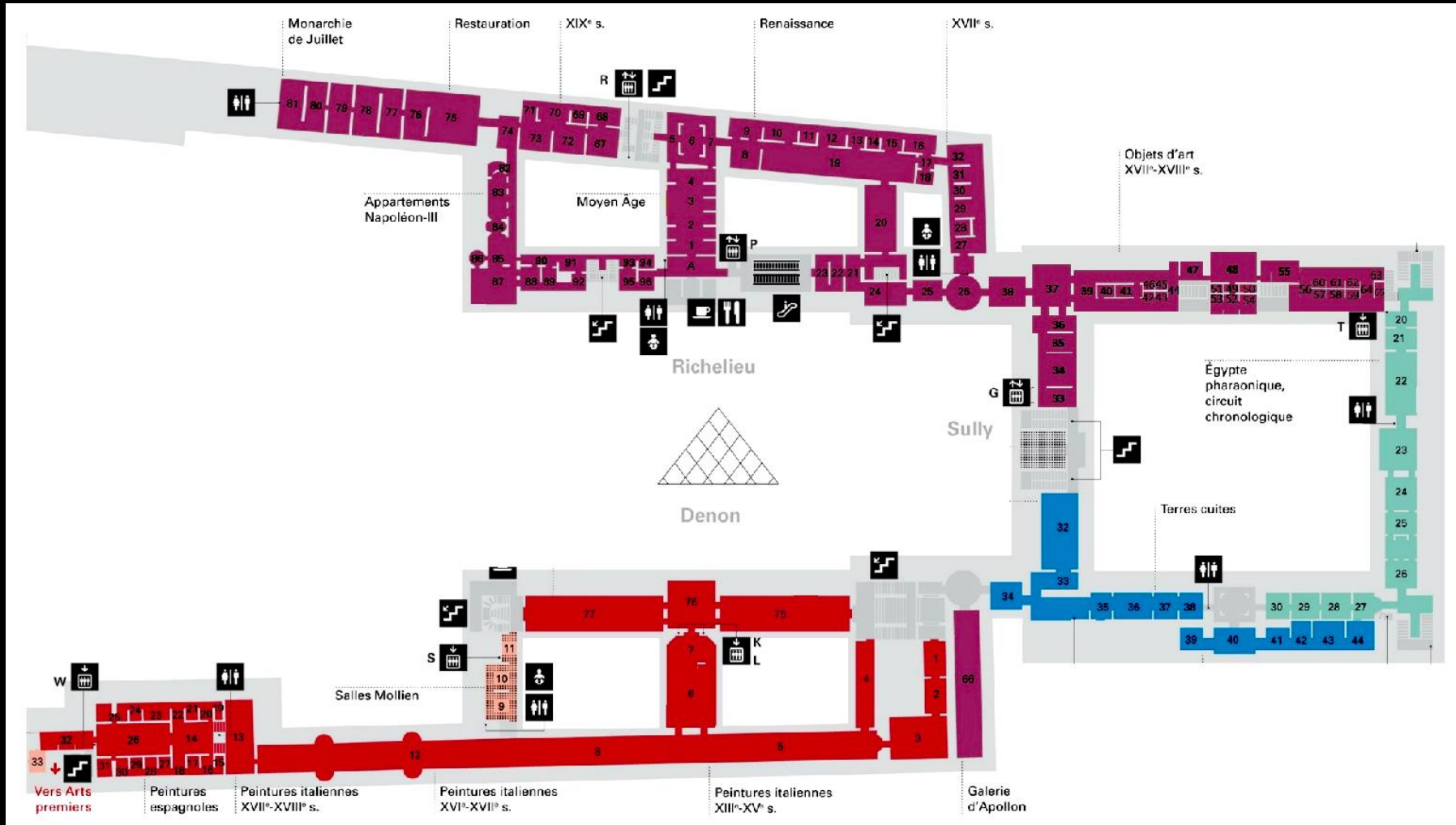
Imagine então mostras de portes variáveis: pequenas, médias ou grandes. Basta multiplicar os pequenos problemas para identificar ou encontrar grandes problemas. Pode-se dizer então que, por menor ou maior que seja um evento há, pelo menos, três estágios de Planejamento que envolvem atividades Pré Evento, Durante o Evento e Pós Evento. Um Projeto implica em antecipar necessidades, soluções e resultados, é assim que se faz um planejamento. De acordo com a habilidade de previsão é que se garante o sucesso de um evento, independente de sua dimensão.

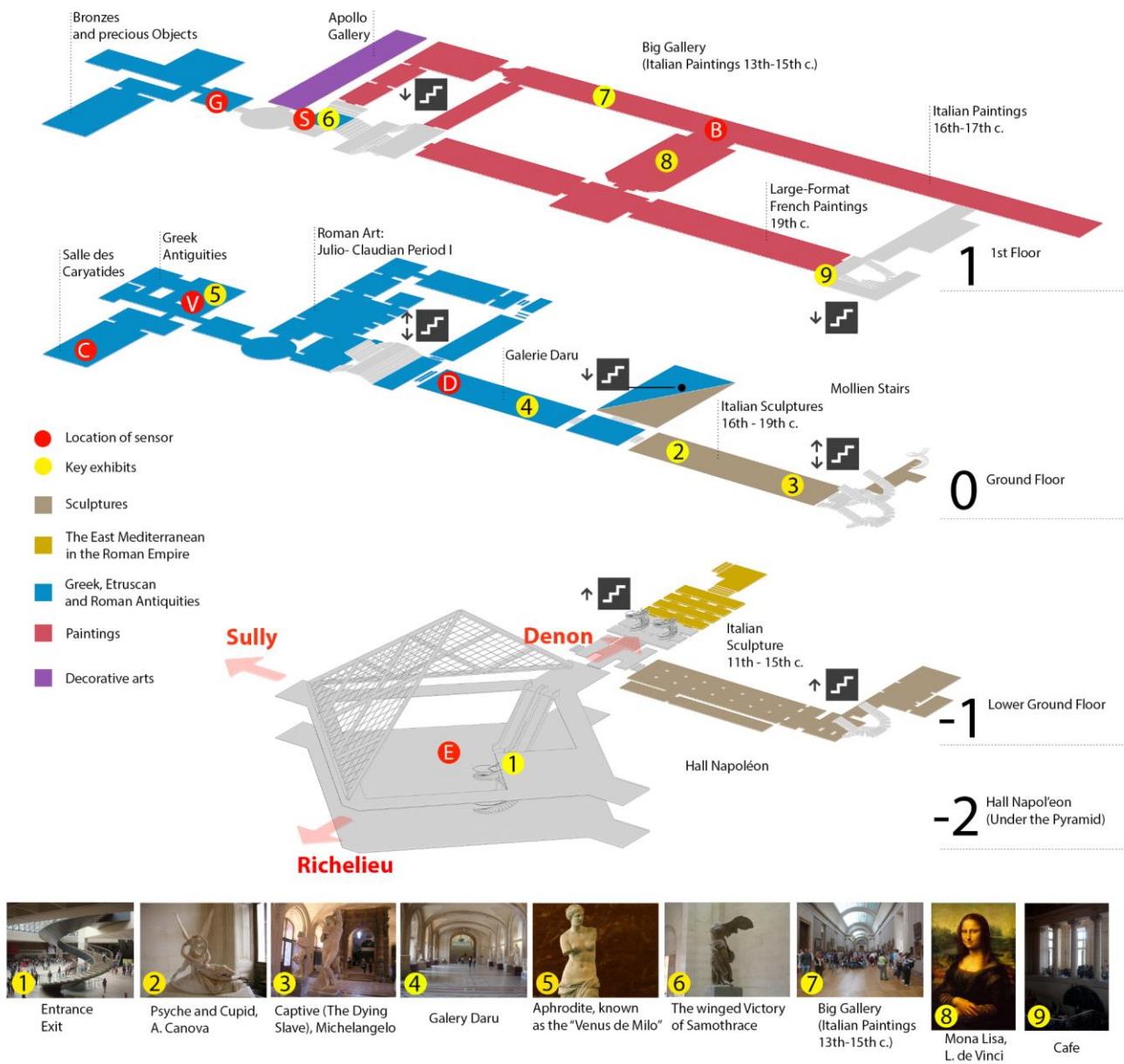
Como disse, qualquer projeto depende da capacidade de antecipar interesses, problemas e habilidades para solucioná-los e o primeiro passo é conhecê-los.

Interesses, implica em saber quais e quantas são as Obras e definir a finalidade da mostra. A partir daí é possível identificar algumas *Necessidades* quanto à dimensão do espaço quanto à localização, ocupação, circulação e disposição. Tipo de suportes expositivos, bidimensionais ou tridimensionais, delimitação de instalações e performances, projeções e iluminação para obras. O ambiente ou espaço expositivo é um fator essencial para realizar uma boa mostra.

Identificação/informação sobre obras e autores; *Registro e documentação* de obras e do evento; *Edição* de Catálogo, Convites; *Press Release* para publicidade, divulgação de abertura e fechamento do evento. *Recepção*, cerimonial, equipamento para abertura com ou sem coquetel, arranjos ornamentais, sistema de som, projeção multimídia. *Proteção às obras*, seguros, *Proteção às pessoas*, limites e orientações de segurança, indicadores de deslocamento, identificação de locais, sanitários etc. Equipes de montagem, monitoria especializada em Arte, limpeza e segurança. Sistemas digitais de apoio e informação.

Imaginem um Museu como o Louvre, um dos maiores do mundo, sem um Projeto Expositivo. As plantas abaixo dão uma pequena noção da dimensão do espaço e cada uma das unidades expositivas organizadas sob os mais diversos temas ou assuntos da História da Arte.





Para facilitar a vida dos visitantes lançam mão de várias estratégias informativas por meio de catálogos, visitas guiadas por meio de áudio ou monitores. Uma boa referência como exemplo.



A Grande Galeria do Louvre é um dos pontos mais importantes do museu onde ficam as principais obras da Arte Italiana. Passou por uma reorganização nos últimos anos com o fim de melhorar a visibilidade e visualidade, bem como, redefinir o percurso de leitura das Obras, por isto se diz que um Museu é um organismo vivo.

Acredito que tenha proporcionado uma visão abrangente da questão expositiva relacionada às Obras de Arte Visual. As especificidades das mostras requerem diversos arranjos e estes dependem de planejamento.

Contemporaneamente há uma crescente especialização de profissionais dedicados ao trabalho no campo da Expografia em função das novas tecnologias digitais. Muitos Museus e Galerias tem investido em mostras virtuais dadas as condições tecnológicas, bem como, ao isolamento social provocado pela pandemia do Covid-19 desde 2020.

Obviamente que as mostras virtuais não substituem as presenciais, mas forçam as instituições a repensarem seus modos de dispor e/ou expor seu acervo diante da proliferação de sites e imagens que replicam suas obras continuamente. Museus e Galerias do mundo todo investem em novos recursos para poderem manter tanto seus acervos quanto o público visitante pois, sem eles, deixam de ser importantes para a cultura.

Assim, posso continuar dizendo que:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.